ISSN: 2358-8829

APRENDER PARA EMPREENDER: FORMAÇÃO HUMANA, INTERDISCIPLINARIDADE E TRANSFORMAÇÃO DIGITAL NA EJA

Sandra Maria Nascimento Alcantara[1]
Alexandro Santos Máximo[2]
Amilton Alves de Souza[3]
Anderson da Silva Santos[4]

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui-se como uma modalidade marcada pela diversidade de trajetórias sociais, culturais, laborais e escolares dos sujeitos que a compõem. Jovens, adultos e idosos retornam à escola trazendo experiências produzidas no trabalho, na família, na comunidade e em diferentes espaços de participação social. Desse modo, pensar práticas pedagógicas na EJA exige reconhecer esses sujeitos não apenas a partir das ausências escolares, mas, sobretudo, a partir dos saberes, direitos, histórias de vida e possibilidades de transformação que carregam.

Nesse contexto, projetos pedagógicos voltados ao empreendedorismo podem assumir uma dimensão formativa quando articulados à realidade dos estudantes, ao trabalho coletivo, à sustentabilidade, à criatividade e à produção de conhecimentos contextualizados. O empreendedorismo, nessa perspectiva, não se restringe à comercialização de produtos, mas

[1]Mestra em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Coordenadora Pedagógica da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, em Alagoinhas, Bahia. Integrante do Grupo de Pesquisa Gestão, Coordenação e Práticas Educomunicativas em Educação de Jovens e Adultos. E-mail: sandra.etacr@gmail.com. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/4208876007164766.
[2] Mestre em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor de Matemática da rede pública municipal da Bahia, em Santo Estêvão, Bahia. Integrante do Grupo de Pesquisa Gestão, Coordenação e Práticas Educomunicativas em Educação de Jovens e Adultos. E-mail: maximusdesigner@gmail.com. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/5426443150916910.
[3] Doutor em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor vinculado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Coordenador Pedagógico da Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Integrante do Grupo de Pesquisa Gestão, Coordenação e Práticas Educomunicativas em Educação de Jovens e Adultos. E-mail: amasouza@uneb.br. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/9668625884010498.
[4]Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Integrante do Grupo de Pesquisa Gestão, Coordenação e Práticas Educomunicativas em Educação de Jovens e Adultos, em Salvador Bahia. E-mail: andersoncfsd2005@gmail.com. Currículo Lattes: https://lattes.cnpq.br/5062298014387735.

configura-se como prática educativa capaz de mobilizar saberes escolares, experiências de vida, planejamento, comunicação, autonomia e protagonismo estudantil.

O projeto "Aprender para Empreender: Soberania e Aprendizagem na EJA" apresenta-se como uma experiência pedagógica interdisciplinar desenvolvida no contexto escolar, com foco na produção artesanal, na pesquisa, no trabalho em equipe e no empreendedorismo. A proposta busca promover uma formação que dialogue com a realidade dos estudantes, valorize seus saberes e amplie suas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento social. Além disso, articula produção artesanal, cidadania, sustentabilidade e geração de renda, fortalecendo a autonomia dos estudantes e a aprendizagem significativa.

Este artigo tem como objetivo analisar o projeto "Aprender para Empreender: Soberania e Aprendizagem na EJA" como experiência pedagógica interdisciplinar, considerando suas contribuições para o empreendedorismo educativo, a formação humana, a inovação pedagógica e a transformação digital na Educação de Jovens e Adultos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A discussão aproxima-se das contribuições de Freire (1987, 1996), ao compreender a educação como prática dialógica, crítica e emancipadora, e de Arroyo (2017), ao reconhecer os estudantes da EJA como sujeitos de direitos, marcados por trajetórias de trabalho, resistência, exclusão e produção de saberes. Assim, as oficinas interdisciplinares podem constituir-se como espaços de autoria, aprendizagem e transformação, especialmente quando associadas ao uso intencional de mídias e tecnologias digitais para registro, divulgação, comunicação e socialização dos produtos e conhecimentos produzidos.

A articulação entre empreendedorismo, inovação pedagógica e transformação digital também pode ser compreendida à luz da educomunicação, campo que reconhece as mídias e tecnologias como possibilidades de mediação, expressão, participação e produção coletiva de sentidos. Nessa perspectiva, Soares, Viana e Xavier (2017) contribuem para pensar as práticas comunicacionais no espaço escolar não apenas como uso instrumental de recursos digitais, mas como processos educativos que favorecem o diálogo, a autoria e a circulação de saberes. Assim, no contexto da EJA, a produção de catálogos, registros fotográficos, vídeos, cards de divulgação, slogans e materiais de comunicação para a Feira de Empreendedorismo pode fortalecer o protagonismo dos estudantes e ampliar as formas de socialização das aprendizagens.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como um relato de experiência, de abordagem qualitativa e natureza descritiva-reflexiva, fundamentado na análise do projeto pedagógico “Aprender para Empreender: Soberania e Aprendizagem na EJA”, desenvolvido no contexto da Educação de Jovens e Adultos. A reflexão articula referenciais teóricos da EJA, da educação crítica, da formação humana, do empreendedorismo educativo, das mídias educacionais e da transformação digital.

O percurso metodológico organiza-se em três movimentos: inicialmente, discute-se a EJA como modalidade atravessada por trajetórias de vida, trabalho e luta pelo direito à educação; em seguida, analisa-se o empreendedorismo como prática pedagógica interdisciplinar, articulada à produção artesanal, à sustentabilidade e à aprendizagem significativa; por fim, reflete-se sobre as possibilidades de integração das mídias e tecnologias digitais na divulgação, registro e socialização das produções dos estudantes.

Na preparação deste artigo, utilizou-se o ChatGPT, desenvolvido pela OpenAI, como interface de apoio à organização textual, à revisão linguística e ao aprimoramento da clareza e da estrutura da escrita acadêmica. Os autores revisaram integralmente o manuscrito e assumem a responsabilidade por seu conteúdo, precisão, originalidade e integridade científica.

A experiência teve como referência um projeto pedagógico elaborado no início do ano letivo de 2026 para articular atividades de diferentes áreas de conhecimento em torno da produção artesanal e da Feira de Empreendedorismo. A versão inicial do projeto registrou a justificativa, o objetivo geral, os objetivos específicos, as oficinas, as disciplinas envolvidas e a proposta de culminância. Neste artigo, esse documento é utilizado como referência para reconstituir a intencionalidade pedagógica da experiência, sem confundir o planejamento inicial com a análise de sua realização (Alcantara, 2026).

O relato organiza a reflexão em torno de três eixos inter-relacionados: (a) os saberes e as trajetórias dos sujeitos da EJA, em diálogo com a perspectiva da formação humana; (b) a articulação entre áreas curriculares e práticas de produção, planejamento e comunicação dos produtos; e (c) a dimensão comunicacional das tecnologias digitais e sua relação com a autoria dos estudantes. A leitura desses eixos privilegia a interpretação pedagógica da experiência, e não a mensuração de desempenho ou a comparação entre grupos.

Por se tratar de um relato descritivo-reflexivo, não se apresentam indicadores estatísticos, entrevistas ou observações sistemáticas que não tenham sido documentadas no material de referência. As considerações desenvolvidas adiante se apoiam na descrição das

atividades e na análise de suas possibilidades educativas, distinguindo os objetivos previstos no projeto das interpretações produzidas sobre a experiência escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do projeto evidencia que as oficinas interdisciplinares podem constituir-se como estratégia potente para aproximar o currículo da EJA das experiências concretas dos estudantes. Ao propor a produção de sabonetes artesanais, sabão caseiro, velas decorativas e peças em gesso/cimento branco, o projeto articula teoria e prática, favorecendo a construção de conhecimentos de forma contextualizada, criativa e colaborativa. A própria proposta indica que as atividades buscam integrar diferentes áreas do conhecimento, relacionando pesquisa, produção artesanal, trabalho coletivo e valorização do conhecimento científico e cultural.

Nessa perspectiva, o empreendedorismo assume sentido pedagógico e formativo. Não se trata apenas de produzir objetos para comercialização, mas de criar situações de aprendizagem nas quais os estudantes possam planejar, pesquisar, calcular, experimentar, comunicar, divulgar e avaliar os produtos elaborados. Esse movimento dialoga com uma concepção freireana de educação, na qual os saberes dos sujeitos são reconhecidos como ponto de partida para a construção coletiva do conhecimento e para o desenvolvimento da autonomia dos educandos (Freire, 1987, 1996). Assim, as oficinas tornam-se espaços de diálogo, autoria e leitura crítica da realidade, permitindo que os estudantes relacionem os conteúdos escolares às práticas sociais, ao trabalho, à sustentabilidade e à geração de renda.

Arroyo (2017) contribui para ampliar essa compreensão ao destacar que os estudantes da EJA são sujeitos de direitos, com trajetórias marcadas por trabalho, interrupções escolares, resistências e produção de saberes. Desse modo, práticas pedagógicas que partem da realidade dos educandos e valorizam suas experiências podem romper com uma visão compensatória da EJA. O projeto, ao propor atividades que envolvem autonomia, cidadania, sustentabilidade e empreendedorismo, fortalece uma perspectiva de formação humana, na qual aprender significa também participar, produzir, decidir e transformar.

A interdisciplinaridade aparece como elemento estruturante da proposta. Em Matemática, os estudantes trabalham cálculo de ingredientes, peso, medidas, custo de produção, preço de venda e lucro; em Língua Portuguesa, desenvolvem nomes de marca, slogans, propagandas, textos de divulgação, etiquetas e rótulos; em Química e Física, estudam misturas, transformações de materiais, calor, temperatura e processos de solidificação; em Ciências, discutem sustentabilidade e reaproveitamento; em Artes, produzem embalagens, decoração e

organização visual; em História e Geografia, relacionam os produtos à economia local, à origem dos materiais e à geração de renda.

A transformação digital, nesse contexto, pode ser compreendida como um movimento que ultrapassa o simples uso de equipamentos ou ferramentas tecnológicas. Trata-se de incorporar linguagens digitais, práticas comunicacionais e formas de registro, divulgação e socialização das aprendizagens ao processo pedagógico. No projeto, essa dimensão pode ser fortalecida por meio da criação de catálogos digitais dos produtos, cards de divulgação, vídeos curtos sobre as etapas das oficinas, registros fotográficos, apresentações digitais, etiquetas com identidade visual e estratégias de comunicação para a Feira de Empreendedorismo. Assim, as tecnologias digitais passam a atuar como meios de autoria, comunicação, organização e circulação dos conhecimentos produzidos pelos estudantes da EJA, aproximando a escola das práticas sociais contemporâneas e ampliando o protagonismo dos sujeitos envolvidos.

Nessa direção, Souza (2023) contribui para compreender as tecnologias e mídias educacionais como interfaces de comunicação, inovação e difusão do conhecimento. Ao discutir a educomunicação e as práticas de difusão do conhecimento no campo educacional, o autor destaca a importância das tecnologias da informação e comunicação na construção de ambientes mais interativos, participativos e voltados à circulação de saberes. Essa perspectiva dialoga com o projeto ao permitir que as produções dos estudantes ultrapassem o espaço da oficina e sejam socializadas por meio de diferentes linguagens, registros e mídias digitais.

Além disso, o uso das mídias digitais no projeto fortalece a dimensão comunicacional da aprendizagem, pois permite que os estudantes planejem formas de apresentar, divulgar e socializar suas produções para além da sala de aula. Desse modo, a transformação digital articula-se ao protagonismo estudantil, à autoria coletiva e à valorização dos saberes produzidos na EJA.

Outro aspecto relevante é a organização do trabalho coletivo. O projeto prevê a distribuição de funções entre os grupos, como produção, design, acabamento, controle de materiais, divulgação e comercialização, garantindo participação ativa e colaborativa. Essa organização favorece o desenvolvimento de competências relacionadas ao planejamento, à cooperação, à responsabilidade, à comunicação e à resolução de problemas, dimensões fundamentais para uma formação conectada às demandas sociais e profissionais dos estudantes da EJA.

A culminância do projeto, com a realização da Feira de Empreendedorismo, também possui forte valor pedagógico. Nesse momento, os estudantes apresentam e comercializam os produtos confeccionados, explicam os processos de produção, os conhecimentos mobilizados

em cada disciplina e a importância do empreendedorismo e da sustentabilidade. Assim, a feira não representa apenas um encerramento das atividades, mas um espaço de socialização das aprendizagens, valorização das produções estudantis e fortalecimento da relação entre escola, comunidade, trabalho e formação cidadã.

A leitura do projeto pedagógico permite identificar que a escolha dos produtos artesanais não constitui um elemento isolado do currículo. O trabalho com medidas, materiais, embalagens e formas de apresentação pode ser relacionado a problemas concretos de organização, consumo, sustentabilidade e circulação de bens. Essa articulação é especialmente relevante na EJA, pois aproxima conceitos escolares de práticas sociais que muitos estudantes já conhecem por suas trajetórias familiares e profissionais. Em vez de pressupor ausência de conhecimentos prévios, a proposta cria condições para reconhecê-los, problematizá-los e ampliá-los por meio de atividades coletivas.

No planejamento das oficinas, o processo de produção inclui etapas de pesquisa, seleção de materiais, definição de quantidades, acabamento e apresentação. Cada uma dessas etapas abre possibilidades de reflexão pedagógica. A escolha dos ingredientes, por exemplo, pode mobilizar noções de proporção, segurança e leitura de instruções; a definição do preço de venda pode suscitar debates sobre custos, trabalho e renda; e a elaboração de rótulos e materiais de divulgação pode favorecer a discussão sobre linguagem, informação e responsabilidade com o consumidor. O valor formativo está, portanto, nas decisões e nos conhecimentos mobilizados ao longo do processo, e não exclusivamente no objeto produzido.

Essa abordagem ajuda a evitar uma compreensão restrita de empreendedorismo como incentivo individual ao negócio próprio. No contexto da EJA, o tema precisa ser relacionado às condições concretas de vida e trabalho dos educandos, às desigualdades sociais e ao direito à educação. A perspectiva crítica permite discutir tanto as possibilidades de iniciativa, criação e geração de renda quanto os limites que condicionam o acesso a recursos, tempo e oportunidades. A formação humana, nessa direção, não se subordina à lógica de mercado: envolve participação, leitura crítica da realidade e ampliação de repertórios para a tomada de decisões.

Outro eixo que merece destaque é a socialização das aprendizagens. A Feira de Empreendedorismo constitui um momento em que processos de estudo, produção e comunicação podem tornar-se visíveis à comunidade escolar. Para que a culminância tenha significado educativo, importa considerar não somente a apresentação dos produtos, mas também a capacidade dos grupos de explicar materiais utilizados, escolhas de produção, conhecimentos científicos mobilizados e sentidos sociais atribuídos às atividades. A

interlocução com visitantes e colegas pode ser compreendida como extensão do próprio processo de aprendizagem.

No campo das mídias digitais, a distinção entre recurso técnico e prática educomunicativa é fundamental. Criar um card ou um catálogo não implica, por si só, transformação digital do processo pedagógico. Essa dimensão ganha consistência quando os estudantes participam das escolhas sobre o que registrar, como comunicar, para quem produzir e quais sentidos desejam compartilhar. A autoria, a colaboração e a circulação social dos conhecimentos tornam-se, assim, critérios de análise mais relevantes do que o simples uso de aplicativos ou equipamentos (Soares; Viana; Xavier, 2017; Souza, 2023).

As contribuições discutidas neste relato devem ser compreendidas à luz de seu alcance metodológico. O material permite examinar a organização pedagógica de uma experiência interdisciplinar e seus vínculos com a educação crítica, mas não autoriza afirmações de causalidade, ganhos mensurados de aprendizagem ou generalização para outras escolas. Um possível aprofundamento futuro envolveria sistematizar registros produzidos pelos estudantes e professores, documentar suas percepções e estabelecer indicadores qualitativos de participação, autoria e aprendizagem, respeitando os procedimentos éticos pertinentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Aprender para Empreender: Soberania e Aprendizagem na EJA” evidencia que o empreendedorismo pode ser trabalhado na Educação de Jovens e Adultos como prática pedagógica interdisciplinar, crítica e formativa. Ao articular produção artesanal, sustentabilidade, cálculo de custos, comunicação, marketing, criatividade e trabalho coletivo, a proposta amplia as possibilidades de aprendizagem significativa e aproxima o currículo da realidade dos estudantes.

A partir das contribuições de Freire (1987, 1996) e Arroyo (2017), compreende-se que as oficinas não devem ser reduzidas a atividades práticas ou comerciais, mas reconhecidas como espaços de autoria, diálogo, valorização dos saberes da experiência e fortalecimento da cidadania.

A integração das mídias e tecnologias digitais, por sua vez, amplia as possibilidades de registro, divulgação e circulação das produções, inserindo a transformação digital como elemento articulado à formação humana e ao protagonismo dos sujeitos da EJA.

Conclui-se que experiências dessa natureza contribuem para ressignificar o lugar da EJA na escola, superando práticas fragmentadas e compensatórias. Ao promover inovação pedagógica, empreendedorismo educativo, sustentabilidade e transformação digital, o projeto

fortalece a construção de uma educação mais contextualizada, participativa e comprometida com os direitos, as trajetórias e os projetos de vida dos estudantes jovens, adultos e idosos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Empreendedorismo educativo, Transformação digital, Interdisciplinaridade, Protagonismo estudantil.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, Sandra Maria Nascimento. **Aprender para Empreender**: Soberania e Aprendizagem na EJA. Projeto pedagógico escolar. Alagoinhas, BA, 2026.

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson; XAVIER, Jurema Brasil (orgs.). **Educomunicação e suas áreas de intervenção**: novos paradigmas para o diálogo intercultural. São Paulo: ABPEducom, 2017.

SOUZA, Amilton Alves de. **Educomunicação, inovação e práticas de difusão do conhecimento: saberes, fazeres e interfaces na Academia Baiana de Educação**. 2023. 231 f. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.